Tempo I - 1989 a 1999 - Espaço e cultura
**Paris – Centro de peregrinação: le message de Marie à Saint
Catherine Labouré**

Zeny Rosendahl

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROSENDAHL, Z. Paris – Centro de peregrinação: le message de Marie à Saint Catherine Labouré. In: *Uma procissão na geografia* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 93-111. ISBN 978-85-7511-501-5. Available from: doi: [10.7476/9788575115015.0006](https://doi.org/10.7476/9788575115015.0006). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PARIS — CENTRO DE PEREGRINAÇÃO:
LE MESSAGE DE MARIE À
SAINT CATHERINE LABOURÉ

A noviça Catherine Labouré ingressou na Congregação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, na França, em abril de 1830. As mensagens religiosas relatadas pela noviça estão relacionadas com as aparições da Virgem Maria, na capela da Congregação Religiosa, na Rue du Bac, 140, Paris. A difusão da fé e do amor na mensagem está contida na frase: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós, que recorremos a Vós!”

A temporalidade da devoção inicia-se no dia 27 de novembro de 1830. A espacialidade marcada nas visitas da Virgem Maria à noviça permanece ainda hoje. Na capela da Rue du Bac – como o lugar é conhecido entre os visitantes –, os turistas religiosos e devotos em peregrinação na capital francesa. A abordagem da organização espacial no espaço e no tempo sagrado serão refletidas e ratificadas nos textos publicados ao longo deste livro.

A capela da Rue du Bac é um exemplo de *lugares de memória*, expressão criada por Pierre Nora ao interpretar formas simbólicas espaciais religiosas que têm, em suas manifestações materiais de fé, ritos impregnados de significados em torno do passado. Neles

a memória está cristalizada e transpira, gerando o “sentido da continuidade histórica” (Nora, 1989, p. 7). A capela da Rue du Bac possui vibração da fé católica distinta de outros lugares. O espírito do lugar religioso permanece material, a imaginação religiosa da comunidade religiosa imprime forte significado no lugar. A devoção religiosa na história dos homens está impregnada de símbolos e significados. O catolicismo possui ritos que expressam suas crenças.

A aparição da Virgem Maria à Catherine Labouré permitiu a criação do objeto de difusão da mensagem religiosa, nas falas da devota. Formou-se, então, em torno de Nossa Senhora, um quadro oval, onde havia no alto estas palavras inscritas: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós, que recorremos a Vós!” (Martins, 2004). O símbolo da devoção não é a imagem da pessoa que recebeu a mensagem – a noviça Labouré –, nem a imagem da visita da Virgem à noviça. O símbolo é a medalha em forma oval sugerida pela Virgem à Labouré – a mensagem dada foi cunhar a medalha que traria graças a quem a usasse com efetiva confiança na mãe de Deus.

A medalha é um símbolo religioso na propaganda da devoção aos santos. Na difusão da fé e veneração da devoção mariana também. Inicialmente, a devoção foi na medalha chamada Medalha da Imaculada Conceição. De forma oval, com a imagem da Virgem Maria e, no verso, a letra M encimada por uma cruz, que tinha uma barra em sua base. Embaixo, figuram o Coração

de Jesus, coroado de espinhos, e o Coração de Maria, atravessado por uma espada. A relação santíssima de mãe e filho é mostrada. Contornando a medalha são doze estrelas. A medalha possui a identidade religiosa da Virgem Maria (figura 1).

FIGURA 1 – A MEDALHA MILAGROSA

Fonte: Rosendahl, 2017.

A medalha da Imaculada Conceição foi distribuída em março de 1832 nos hospitais e na capela da congregação. Paris vivia um contexto de doenças – cólera principalmente –, e a distribuição entre a população refletiu resultados positivos sobre a epidemia. Incríveis resultados de cura, proteção e graças na saúde foram atribuídos ao poder da medalha. Tais curas em doentes e outros pedidos favoreceram rapidamente a devoção entre os devotos. A procura pela medalha aumenta e se populariza. A cura de doentes que tinham a medalha no pescoço era

visivelmente superior à dos outros, que não a tinham (Santos, 1998).

Um novo nome surgiu entre a população devota – A Medalha Milagrosa – em 1894, a festa litúrgica da Chapelle Notre-Dame de la Médaille Miraculeuse, como é conhecida hoje, entre os peregrinos que se dirigem à capela (Fille de la Charité, s.d.). Os dias festivos com celebrações são: 27 de novembro, 8 de dezembro e 31 de dezembro.

Nesses tempos sagrados, a Capela da Medalha Milagrosa recebe a visita de devotos franceses em maior número. A peregrinação a Paris ocorre em tempo contínuo. O tempo de festa tem sua comemoração na capela com forte frequência de moradores da capital francesa. As peregrinações durante todo o ano são organizadas pela administração do Convento das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, atendem a vários países católicos europeus e acontecem com data e hora previamente marcadas. A administração religiosa recebe os peregrinos com apoio linguístico e com as atividades religiosas antecipadamente marcadas. As práticas religiosas individuais são livres, as relações espaço/lugar e tempo são elaboradas com antecedência.

O lugar de peregrinação é um local pequeno – a Rue du Bac, uma rua de comércio, estreita, sem local para estacionamento próximo ao convento. A porta principal de acesso ao convento e ao lugar sagrado da capela não permite de imediato reconhecer na paisagem a existência de uma capela, ou mesmo de catedral, tão comum na Europa

católica. Os geógrafos sinalizam desde a primeira metade do século XX locais que podem ser interpretados a partir de como as pessoas e o grupo religioso imprimem seus valores e crenças em formas espaciais religiosas (Claval, 2008). Os geógrafos invocam as marcas que a religião imprime diretamente na paisagem, na capela, nos lugares de culto; a repetição dos mesmos símbolos, ao longo do tempo, amplia os lugares de culto. A Capela da Medalha Milagrosa é uma marca relativamente discreta, familiar em sua repetição cotidiana no lugar. É necessário que o peregrino ou visitante tenha o conhecimento da existência e da história do lugar. Em Paris, o simbolismo religioso do lugar sagrado da Rue du Bac, os peregrinos convergem impregnados na devoção à Medalha Milagrosa. Há no lugar identidades de peregrinos, visitantes e turistas religiosos, em uma relação recíproca com a identidade do grupo religioso que frequenta a capela.

O sagrado irrompe em determinados lugares como revelações hierofânicas, transformando-os qualitativamente em poderosos *centros do mundo* significativos, separados do espaço comum, do cotidiano profano (Eliade, 1991). O lugar é ritualmente construído. A criação de lugares é um ato social; os lugares diferem porque as pessoas os fizeram assim (Norton, 2000), por meio de uma variedade de emoções, como o *numinoso* que atinge a profundidade da alma (Otto, 1992); revela-se como um dom carismático que o objeto ou a pessoa possui (Weber, 1964); se impõe por ele mesmo (Durkheim, 1968

e Berger, 1985), ou como “alquimia ideológica pela qual se opera a transfiguração das relações sociais em relações sobrenaturais, inscritas na natureza das coisas, e, portanto, justificadas” (Bourdieu, 1987, p. 33).

O processo de construção do lugar sagrado envolve esforço e cooperação da comunidade religiosa. É marcante a relação dialética entre a política da comunidade e a construção do lugar sagrado na capela da Rue du Bac. A comunidade religiosa constrói o lugar sagrado de devoção da Medalha Milagrosa, e esta, na função religiosa de comunhão social, sustenta a própria comunidade (Rosendahl, 2003b).

Deseja-se privilegiar não o padrão de turismo religioso da Europa, que permeia alguns centros de peregrinação, e sim a presença de espaços sagrados de forte devoção popular. Talvez a melhor escolha da expressão do sagrado no urbano seja o espaço sagrado localizado na Rue du Bac, 140, no centro econômico, político e cultural de Paris. A Capela da Medalha Milagrosa confere a Paris a função de cidade de peregrinação. Em pesquisa realizada na Capela, nos registros dos visitantes de 1995 a 1997, no setor administrativo de registros de peregrinos, é possível afirmar que os peregrinos que chegaram à Capela da Medalha Milagrosa vinham de países de fonte religiosa católica como Polônia, Itália, Alemanha, Bélgica, Áustria, Portugal, Filipinas, Argentina e Brasil. Foi documentado o fluxo de peregrinos proveniente de países de minorias católicas, a saber: Indonésia,

Austrália e China. A pesquisa empírica relata a presença de 34 países numa intensidade permanente, com padrões espaciais locais e internacionais.

O alcance espacial dos peregrinos que visitaram o santuário da Medalha Milagrosa, referenciados na pesquisa acima, pode ser visualizado pela figura 2, para a variabilidade espaço-temporal das interações.

A pesquisa possibilitou analisar o padrão de interação de peregrinação religiosa ao descrever interações fortemente internacionais, que se fazem a longa distância, envolvendo múltiplos fluxos de peregrinos, de visitantes e de turistas. Os centros de peregrinação do catolicismo atraem, de maneira geral, fiéis de países católicos e devotos católicos de países não católicos.

As interações espaciais religiosas são influenciadas pela atuação dos participantes e realçadas pela mídia: *quanto menos conhecido o santuário, menos frequentado por turistas e mais atraído por devotos*. O padrão religioso do catolicismo popular é exemplificado na análise da Capela da Medalha Milagrosa, em Paris. Esse centro religioso é apenas conhecido por devotos, isto é, peregrinos piedosos. Assim, o santuário atrai fiéis de países onde o catolicismo não é predominante, como os católicos da Indonésia muçulmana e Austrália protestante, demonstrando uma forte devoção aos cultos, oferendas e práticas religiosas católicas semelhantes em outros centros de peregrinação.

FIGURA 2 – ALCANCE ESPACIAL
DA PEREGRINAÇÃO

Fonte: Rosendahl, 2009.

No desejo de identificar o lugar sagrado em harmonia com a experiência da fé, em termos geográficos, privilegia-se o significado cultural do indivíduo ou do grupo social religioso no lugar em que ocorre a peregrinação. Esse lugar está impregnado de simbolismo e não foi meramente descoberto, fundado ou construído, mas reivindicado, possuído e operado por uma comunidade religiosa, conforme apontam Sopher (1967, 1984), Kong (1990), Park (1994), Rosendahl (1996, 2003a, 2003b, 2005) e outros estudiosos.

Existem, em Paris, espaços representativos de turismo com mais ou menos sim-

bolismo em relação ao visitante, pois há o conhecimento do potencial da ida de turistas à capital francesa. Paris, Cidade Luz desde o século XVII, recebe turistas por inúmeras atrações, quer no campo histórico e simbólico, no campo das artes, ou na paisagem do Rio Sena. Há exemplos: Torre Eiffel, Museu do Louvre, Catedral de Notre-Dame, Arco do Triunfo, Basílica de Sacré Coeur, Montmartre e seus jardins gramados e estátuas em pedestais. O turismo em escala mundial é reconhecido. Hoje, a cidade de Paris permanece como um centro mundial de turismo. De acordo com dados da Euromonitor International apresentados em 2017 durante o evento da World Travel Market (WTM) das cidades mais visitadas do mundo em 2016, a cidade de Paris apareceu na sétima colocação, com mais de 14,4 milhões de turistas (Euromonitor, 2017). Vale ressaltar que esse número, apesar de expressivo, apresenta leve queda devido aos ataques terroristas ocorridos na Europa nos últimos anos.

Deseja-se, numa breve reflexão, reconhecer a vivência da dimensão simbólica espacial que ocorre no lugar pelo turista e pelo peregrino, na certeza de relembrar a maneira diferenciada da vivência no lugar por esses agentes espaciais. A importância da peregrinação que ocorre em Paris, cidade global, está inserida no vasto conjunto de motivações dos turistas que a visitam. Acrescenta-se que a peregrinação à Rue du Bac evidencia uma das inúmeras dimensões da cidade, não possuindo o mesmo peso, mas

permitindo a análise da dimensão religiosa, enriquecendo o conhecimento do lugar, ainda que essa peregrinação seja minimizada pela força de coesão do movimento turístico, devemos dizer que Paris é também uma hierópolis.

A literatura internacional indica os espaços representativos do turismo religioso que é composto, inicialmente, pelo deslocamento de peregrinos e de turistas ao lugar sagrado. Escolhemos a visão: a) histórica; b) artística; e c) religiosa. A combinação dos três elementos não é o mais fundamental, e sim a oportunidade que o homem tem de perceber no espaço sagrado a sua história, a sua arte e a sua fé.

Assim, é possível reconhecer espaços representativos da predominância do fator fé sobre os demais, ou a predominância da história do lugar como fator de convergência e a demonstração das artes gótica, barroca, surrealista, popular e natural, como as florestas, campos e outros, representando e qualificando os lugares.

Este texto contribui com duas reflexões: (a) a primeira aborda os conceitos teóricos desenvolvidos por Smith (1992); (b) a segunda a análise empírica realizada no ano de 1997, no lugar sagrado. Dessa maneira, o objetivo é refletir, geograficamente, sobre como a predominância de um dos três elementos – a história, a arte e a fé sobre os demais – classifica a vivência do homem ou grupo social no espaço.

As manifestações religiosas demonstradas no espaço sagrado pelo comportamento

do homem religioso nos fornecem as bases de uma possível qualificação do homem religioso desde o peregrino devoto ao turista secular. A qualificação que adotamos refere-se à tipologia criada por Smith (1992, p. 12), “que envolvem experiências profundas com o sagrado”. Pelos estudos empíricos realizados por nós nas peregrinações católicas, em diferentes santuários nacionais e internacionais, reconhecemos os cinco tipos de grupos sociais em diferentes espaços representativos. Os agentes modeladores nos santuários definidos pelo autor são: piedoso-peregrino (*pious pilgrim*); peregrino-devoto (*pilgrim over tourist*); peregrino-turista (*pilgrim as much as tourist*); turista-peregrino (*tourist more than pilgrim*); e turista-secular (*secular tourist*).

Os cinco tipos contêm uma multiplicidade de motivações espirituais que transcende o estudo geográfico e são próprios do lugar da vivência. São subjetivos. O vocábulo peregrino vem do latim *peregrinus* e significa itinerante, estrangeiro, aquele que anda por terras distantes. Vejamos, agora, dois tipos comportamentais que ilustram o exemplo empírico francês.

A distinção entre peregrinação e turismo ressalta que a viagem de peregrinação introduz dificuldades físicas ou sacrifícios que envolvem a separação da moradia, a liturgia no percurso da viagem e a chegada ao lugar sagrado. A viagem representa um ato religioso realizado por dever ou devoção e que assume um propósito espiritual. Já a viagem turística sugere um ato de lazer

com a ausência de trabalho. E, como tal, apresenta o desejo da fuga do cotidiano, a transição, indicada pelo percurso da viagem e a chegada ao lugar ou lugares.

O turista motivado pelo prazer, e não por obrigação, busca locais que despertam interesse de acordo com sua bagagem cultural e histórica de vida. O motivo da viagem é diferenciado para ambos que deixam seus lares e a vida cotidiana pelo prazer de chegar a um lugar. O conceito de prazer, tomado num sentido genérico, relaciona-se às coisas que causam sensações agradáveis.

O peregrino associa a saída à busca de comportamento espiritual, à busca pela transcendência, ao elo dele com o divino. Já o turista não considera o prazer espiritual associado à transcendência. A motivação, para o grupo religioso, recai na esperança de obter graças e curas especiais. Nos grupos de turistas, a motivação recai no desejo de escapar, temporariamente, das pressões da sociedade em que vivem.

A segunda distinção entre peregrinação e turismo diz respeito à vivência e percepção do sagrado nos espaços representativos. O comportamento do peregrino difere do comportamento do turista nos lugares sagrados. O ritual religioso possui um conjunto de ritos e símbolos – em sua maioria não decodificados pelo turista –, cada aspecto, cada detalhe do rito possui um sentido que só é inteligível para o grupo religioso envolvido.

O peregrino é agente consumidor do sagrado, e o turista, um cliente usuário

do lugar religioso. O peregrino como consumidor do sagrado justifica-se porque seu comportamento revela a prática de atividades religiosas como a de assistir missas e receber sacramentos.

Já o turista pode ter o desejo de vivência do espaço, mas sua prática comportamental está direcionada para o geral. Ele desfruta da arquitetura do lugar, tem a necessidade de documentar, tirar fotos, filmar as formas espaciais religiosas. O consumo do sagrado não é meta fundamental da viagem turística.

O peregrino e o turista, além de se diferenciarem quanto aos propósitos da visita, também se diferenciam quanto à espacialidade: tanto as que criam como as que foram criadas para eles.

Voltemos em nossa ideia de Paris – cidade de peregrinação –, nas reflexões das promessas e nos estudos dos ex-votos¹. No corredor que une o portão principal da Congregação Religiosa (Rue du Bac, 140) até a porta da Capela da Medalha Milagrosa, há no muro a vitrine de ex-votos (figura 3).

¹ Voto, do latim *volu*, significa promessa. A expressão “ex-voto” é a abreviatura da expressão latina *ex-voto suscipi*, isto é, “por uma promessa alcançada” ou “em consequência de uma promessa”.

FIGURA 3 – CORREDOR DE EX-VOTOS

Fonte: Rosendahl, 2017.

A função devocional dos visitantes pode ser indicada pela existência das oferendas gravadas em mármore e colocadas ao longo do corredor de acesso à capela. Os estudos dos ex-votos como forma de arte ressaltam a (re)valorização de um material cultural e artístico. Criado na vivência da fé, da fantasia e do imaginário popular, revela a iconografia fortemente marcada pela influência da religiosidade católica. Cada peça fala de uma história de vida, de uma aflição superada, de uma realidade.

A entrega do objeto, pelo fiel, em recompensa ao favor divino recebido, possui significado concreto designado pelo objeto. As peças expressam tanto o talento do artista como suas carências psico-socio-econômicas.

Inúmeras são as formas artísticas de se expressar. Algumas bem simples, outras complexas. O uso da madeira ou mármore ou outro material está relacionado à história de

sucessivas gerações que transmitem sua cultura, seus costumes e tradições, crenças e valores que prevalecem no cotidiano dos tempos.

As revelações entre o fiel e o divino são bastante semelhantes, tanto na modalidade da oferta como na escultura simbólica escolhida para o ritual (Rosendahl, 1999). A diversidade ocorre, então, pela religiosidade cultural do lugar, na revelação de seus mitos e valores. A cultura popular é, pois, componente necessário dessa diversidade, e os geógrafos não devem rejeitar tal evidência, e sim interpretar os mecanismos que a criaram.

A partir do estudo de caso envolvendo a prática religiosa no catolicismo popular de “fazer” e “pagar” promessas, trataremos dessa intimidade entre o crente e o divino. Essa prática constitui uma devoção tradicional e bastante comum no espaço sagrado e representa uma manifestação de fé que envolve o devoto e o santo numa relação direta, sem intermediários (Rosendahl, 1996, 2003b).

O peregrino faz o pedido – promessa – e, uma vez realizado, volta ao santuário para “pagar” sua dívida, contratada com o santo. O devoto “paga” a promessa na hora, na forma e na maneira que deseja, não havendo nenhuma hierarquia religiosa para tal comportamento.

As notas aqui reveladas são resultado da pesquisa empírica realizada em 1997–98, em Paris, na Capela da Medalha Milagrosa. A vitrine no corredor é um local invariavelmente visitado no roteiro devocional, não só pela curiosidade que desperta, como também pelo testemunho que representa, através de todos os objetos lá deixados pelos

milhares de agradecidos pelas graças alcançadas. É a sala dos “ex-votos”.

Cada “ex-voto” nos fala de uma história de vida, de uma dificuldade superada, de uma realidade dura e difícil. Cada objeto deixado possui um significado concreto designado por si próprio. Esse símbolo é a maneira que o devoto encontrou para concretizar o seu imaginário, e que só poderá ser inteiramente entendido através do relato do crente que faz a promessa.

Os objetos colocados representam as “provas” ou “material” das conquistas no plano espiritual; seria como um “museu dos milagres”. A pesquisa consistiu em análises dos “ex-votos” e da interpretação das mensagens ouvidas.

Reunimos em três grandes grupos os pedidos encontrados. Eles se relacionam às carências básicas que classificamos como o *Triângulo das Necessidades*: saúde, trabalho e amor (Rosendahl, 1994).

A pesquisa empírica demonstrou a “especialidade na saúde”. A religiosidade cumpre, assim, uma função social que se refere à ideia de Bourdieu (1987) de livrar os crentes de sua angústia existencial, da contingência e do sentimento de abandono, ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte.

O movimento cultural, hoje, tenta associar peregrinação e turismo aos locais de forte valor simbólico, religioso ou não. A cidade de Paris apresenta essa dualidade de funções: a de coesão devocional e a turística. Os lugares simbólicos possuem a presença

harmônica de três elementos: história, arte e fé. As visões são singulares e estão na vivência do homem no espaço geográfico.

Acrescenta-se que Paris é também uma cidade-santuário. Deve-se evidenciar que uma grande cidade é multidimensional em termos de suas atividades. Nesse sentido, a análise de cada dimensão funcional possibilita o reconhecimento dessa complexidade. Permite, também, elaborar e enunciar as conexões entre essas atividades.

A espacialidade é própria, específica em cada uma dessas atividades, mas que, no conjunto, transforma a cidade num complexo mosaico de formas espaciais irregulares e superpostas. A espacialidade e a temporalidade são próprias e específicas na cidade. A capela da Rue du Bac é um centro de peregrinação do catolicismo francês.

REFERÊNCIAS

- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOURDIEU, P. “Gênese e estrutura do campo religioso”. *A economia das trocas simbólicas*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CLAVAL, P. *Religion et idéologie: perspectives géographiques*. Paris: Press de l’Université Paris-Sorbonne, 2008.
- DURKHEIM, E. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

- ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- EUROMONITOR International. *Site oficial*. Disponível em: <<http://www.euromonitor.com/>>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- FILLE DE LA CHARITÉ. Comité de Redaction. *Une lumière sur la terre: le message de Marie à Sainte Catherine Labouré*. França: Editions du Signe, [s/d].
- KONG, L. "Geography and religion: trends and prospects". *Progress in Human Geography*, v. 14, n. 3, pp. 355-71.
- MARTINS, M. *Medalha Milagrosa*. MTB 31127. São Paulo: AIS Brasil, 2004.
- NORA, P. "Between memory and history: 'les lieux de mémoire'". *Representations*, v. 26, n. 1, pp. 1-25, Berkeley, 1989.
- NORTON, W. *Cultural geography: themes, concepts, analyses*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- OTTO, R. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- PARK, C. *Sacred worlds: an introduction to geography and religion*. Londres: Routledge, 1994.
- ROSENDAHL, Z. *Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense* (tese). Universidade de São Paulo, 1994.
- . *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. 92 p.
- . "O sagrado e o profano". In _____. e CORRÊA, R. L. (orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 9-39.
- . "Espaço, cultura e religião: dimensões de análise". In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*.

- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a, pp. 187-226.
- . “Construindo a geografia da Religião no Brasil”. *Espaço e Cultura*, n. 15, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2003b, pp. 61-7, .
- . “Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião”. In _____ e CORRÊA, R. L. (orgs.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, pp. 191-226.
- . *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. 118 p.
- SANTOS, A. A. *A verdadeira história da Medalha Milagrosa*. São Paulo: Artpress, 1998.
- SMITH, V. L. “Introduction: the quest in guest”. *Annals of Tourism Research*, v. 19, n. 1, pp. 1-17, 1992.
- SOPHER, D. E. *Geography of religions*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.
- . “Geography and religions”. *Progress in Human Geography*, v. 5, n. 5, pp. 511-24, Londres, 1984.
- WEBER, M. *Economía y sociedad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1964.